

# A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Juliano Del Gobo  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

**Juliano Del Gobo**  
(Organizador)

# **A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] /  
Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto  
Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-016-2

DOI 10.22533/at.ed.162181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos  
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MULHER E TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR DO JÁ-DITO ESTEREOTIPADO	
<i>Rosângela Rocio Jarros Rodrigues</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
PSICOLOGIA, PODER E SEXUALIDADE: A FIGURA CONTEMPORÂNEA DO INTERSEX E AS NOVAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Jônatas Mota Leitão</i>	
<i>Luiza Maria Silva de Freitas</i>	
<i>Paulo Germano Barrozo de Albuquerque</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
POVOS ORIGINÁRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL: A QUESTÃO DA TERRA	
<i>André Valécio</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
IDENTIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS SÍNTESES DIALÉTICAS	
<i>João Pedro Vilar Nowak de Lima</i>	
<i>Jeferson Renato Montreozol</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
O SABER PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE EM CONSIDERAR INTERSECCIONALIDADES	
<i>Isadora Oliveira Rocha</i>	
<i>Gláucia Ribeiro Starling Diniz</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN	
<i>Barbara Maria Turci</i>	
<i>Eliane Regina Pereira</i>	
<i>Emerson Fernando Rasera</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
ENTRE TELAS E CENAS DA RUA: A MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENCONTRO COM VIDAS OUTRAS NAS CIDADES	
<i>Allan Henrique Gomes</i>	
<i>Orlando Afonso Camutue Gunlanda</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
O QUE PODE O CORPO EM CENA NA CIDADE?	
<i>Antônio Vladimir Félix-Silva</i>	
<i>Cássio Marques Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1621819128</b>	

**CAPÍTULO 9 ..... 109**

ENTRE O PROTAGONISMO JUVENIL E A TUTELA DA JUVENTUDE: POSSIBILIDADES DA PARTICIPAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA

*Lara Brum de Calais*

*Juliana Perucchi*

**DOI 10.22533/at.ed.1621819129**

**CAPÍTULO 10 ..... 125**

MEMÓRIA E MILITÂNCIA FEMINISTA NO ENFRENTAMENTO DA HUMILHAÇÃO SOCIAL

*Mariana Luciano Afonso*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191210**

**CAPÍTULO 11 ..... 130**

ENFRENTAMENTOS, RESISTÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

*Renata Câmara Spinelli*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191211**

**CAPÍTULO 12 ..... 147**

RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS: O ESPAÇO DA LIBERDADE PARA DIZER A PALAVRA

*Erlândia Silva Pereira*

*Maristela de Souza Pereira*

*Rogério de Melo Costa Pinto*

*Helena Borges Martins da Silva Paro*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191212**

**CAPÍTULO 13 ..... 162**

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS

*Erik Cunha de Oliveira*

*Saulo Santos Menezes de Almeida*

*Juliana Souza Vaz Ribeiro*

*Alexsandro de São Pedro Santiago*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191213**

**CAPÍTULO 14 ..... 171**

DA PATOLOGIZAÇÃO AO DIREITO À SAÚDE DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM DOCUMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

*Roberta Cristina Gobbi Baccarim*

*Grazielle Tagliamento*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191214**

**CAPÍTULO 15 ..... 186**

CAPTURA E REGULAÇÃO: INVESTIMENTOS BIOPOLÍTICOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS

*Júlia Arruda da Fonseca Palmiere*

*Anita Guazzelli Bernardes*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191215**

**CAPÍTULO 16 ..... 196**

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

*Hudson Henrique de Oliveira Masferrer*

*Emerson Fernando Rasera*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191216**

**SOBRE O ORGANIZADOR ..... 210**



## DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN

### **Barbara Maria Turci**

Instituto de Psicologia - Universidade Federal de  
Uberlândia  
Uberlândia – MG

### **Eliane Regina Pereira**

Instituto de Psicologia - Universidade Federal de  
Uberlândia  
Uberlândia – MG

### **Emerson Fernando Rasera**

Instituto de Psicologia - Universidade Federal de  
Uberlândia  
Uberlândia – MG

Ando muito completo de vazios.  
Meu órgão de morrer me predomina.  
Estou sem eternidades.  
Não posso mais saber quando amanheço ontem.  
Está rengo de mim o amanhecer.  
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.  
Atrás do ocaso fervem os insetos.  
Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu  
destino. Essas coisas me mudam para cisco.  
A minha independência tem algemas  
(Os deslimites da palavra – Manoel de Barros)

**RESUMO:** O presente ensaio teórico busca, em contribuições de Mikhail Bakhtin, inspiração para fazeres grupais a partir de uma visão de grupos a nós apontada por alguns conceitos

do autor. Nesse percurso, nos deparamos, primeiramente, com uma visão de sujeito e de sua constituição, suscitada pelo próprio processo de pesquisar. Dessa forma, os caminhos percorridos foram os de realizar uma análise do processo de constituição do sujeito a partir de uma aproximação aos conceitos bakhtinianos escolhidos para, a partir disso, apontar uma visão de grupo que inspirasse os fazeres grupais. Os conceitos, por sua vez, foram selecionados a partir de aproximações teóricas feitas junto a autores que nos auxiliaram a adentrar as obras desse autor, que nos dá pistas de sua visão de ser humano atrelando a presença das relações sociais nesse processo de constituição, sendo eles: Dialogismo, Polifonia, Ato/Atividade, Tom emotivo/volitivo, Enunciado, Excedente de visão/Exotopia, Autor/Autoria. Foram as premissas a respeito dessa prévia análise as auxiliadoras de um trabalho contínuo de pensar e repensar práticas grupais que sejam dialógicas. Assim, pudemos perceber que o grupo que tem a Dialogia como característica pode ser aquele que se movimenta para que o sujeito se perceba como ativo e responsivo, por meio de uma abertura de espaço para que seu discurso possa ser ouvido e respondido e para que, a partir desses encontros, novos Enunciados sejam criados, em Polifonia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mikhail Bakhtin;

**ABSTRACT:** The present theoretical essay seeks, in contributions of Mikhail Bakhtin, inspiration to make group practices from a group vision to us pointed out by some concepts of the author. In this way, we are faced, first of all, with a view of the subject and its constitution, provoked by the research process itself. Thus, the paths covered were to perform an analysis of the process of constitution of the subject from an approach to the Bakhtinian concepts chosen to, from that point, to point out a group vision that inspired the group actions. The concepts, in turn, were selected from theoretical approaches made with authors who helped us to enter the works of this author, which gives us clues to his vision of being human, linking the presence of social relations in this process of constitution, the concepts being: Dialogism, Polyphony, Act /Activity, Emotive /volitional tone, Statement, Excess of vision/Exotopia, Author/Authorship. The assumptions about this previous analysis were the helpers of a continuous work of thinking and rethinking group practices that are dialogical. Thus, we could perceive that the group that has Dialogia as a characteristic can be the one that moves so that the subject perceives himself as active and responsive, through an opening of space so that his discourse can be heard and answered and, from these meetings, new statements are created, in polyphony.

**KEYWORDS:** Mikhail Bakhtin; Constitution of the Subject; Groups; Group Practices; Dialogical.

## 1 | INTRODUÇÃO

Como escreve Marília Amorim (2004, p. 25), “o ponto de vista do cineasta é a todo o momento transformado pelo outro, ou melhor, *alterado*”, e assim o é o do pesquisador. Dessa forma, objetivando inspirar fazeres grupais a partir das contribuições de Mikhail Bakhtin, nos deparamos, primeiramente, com uma visão de sujeito suscitada em nós por alguns conceitos do autor. Realizamos, assim, um ensaio teórico entendido como texto que se produz sempre no intertexto, na busca de uma escrita que reflete a nós mesmos, aos autores com quem dialogamos e aos interlocutores dessa produção (AMORIM, 2004), e que abre espaço para a criação de novos enunciados diante do mesmo objetivo, para a pluralidade de vozes aqui presente.

Os caminhos percorridos foram, então, os de realizar uma análise do processo de constituição do sujeito a partir de uma aproximação a alguns conceitos bakhtinianos para, a partir disso, apontar uma visão de grupo que inspire fazeres grupais. Os conceitos escolhidos por sua vez, o foram a partir de aproximações teóricas feitas junto a autores estudiosos de Bakhtin e que nos auxiliaram na difícil tarefa de adentrar suas obras. Difícil pelo próprio viés da linguística que o autor utiliza, o que nos dá pistas de sua visão de ser humano atrelando a presença do outro enquanto relações sociais nesse processo de constituição.

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin é nascido na Rússia, em 1895, no conturbado período da Revolução Russa, entre a “possibilidade de uma nova sociedade e as impossibilidades ditadas pelo governo stalinista” (BRAIT, 2005, p. 178). Um autor com extensa obra, considerado filósofo, historiador da cultura e estética e caracterizado pela sua pluralidade, presente na grande quantidade de assuntos pelos quais se interessava. Outras definições para ele giram em torno de

“linguista”, “filólogo”, “crítico literário”, “semiólogo”, ou simplesmente “pensador”.

Dessa forma, Bakhtin escreveu diversas obras, sempre abertas à contradição, em que não se reporta à Psicologia como base ou como objetivo da formulação de sua teoria. Graduado em Letras, Filosofia e História, o autor se propõe a pensar na realidade social baseado na “constituição do sujeito” como um processo inseparável de sua condição social, histórica e econômica, focado na linguagem e na mediação constitutiva e dialógica do discurso na vida do indivíduo. Sua aproximação com uma teoria revolucionária e a própria criação de escritos que iam contra o modo de funcionamento vigente da época da Revolução Russa não barraram Bakhtin de, em uma época tão contraproducente, dar seguimento a seus pensamentos (BRAIT, 2016).

Bakhtin e outros intelectuais próximos a ele com formação filosófica, literária, científica e/ou artística, participaram na construção de diálogos afins com a linguística, o formalismo, a psicologia, a filosofia e o marxismo ortodoxo, formando o que hoje é chamado de Círculo de Bakhtin, em que os autores que o constituem se destacam por se interligarem e dialogarem entre si sobre uma concepção de linguagem, de um método sociológico e/ou de uma poética da prosa, de maneira a construir conhecimento linguístico, literário e filosófico permeados pela existência concreta, pela cultura, pela ideologia do cotidiano, elegendo o diálogo como base (BRAIT, 2016).

Alguns membros do Círculo são Matvei Isaevich Kagan, Lev Vasilievich Pumpianskii, Ivan Ivanovich, Sollertinskii, Pavel Nikolaevich Medvedev e Valentin Nikolaevich Voloshinov, sendo a questão da autoria, ou da coautoria, bastante discutida atualmente no que se refere às obras que são denominadas bakhtinianas e aos estudiosos que compunham esse grupo.

Cada uma de suas obras acarreta em outros tantos escritos, que mostram sua visão de mundo, seus conceitos epistemológicos, suas análises a respeito da literatura, entre outras questões de importância para o autor. Seus livros inspiram a construção da própria arquitetura da existência de inúmeros outros autores, que utilizam de suas reflexões para basear seus próprios trabalhos.

## 2 | CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Ao nos aproximarmos de alguns conceitos bakhtinianos, construímos uma visão de sujeito e de sua constituição que, como já apontado anteriormente, não aparece de forma clara nas obras do autor, são apresentadas no intertexto, no não-dito.

Uma das oportunidades em que Bakhtin dá espaço para que sua compreensão a propósito desse assunto seja pensada está presente no vasto estudo das obras de Dostoiévski que realiza, em que coloca o romancista como autor de uma escrita romanesca que, para ele, até então, não podia ser vista em nenhum outro enredo, de nenhum outro escritor: o romance dialógico. Essa característica única se dá pela peculiaridade das personagens do romancista, que, segundo Bezerra (2005), não são apenas objetos do discurso do autor, mas sim sujeitos do próprio discurso.

A maneira como essas personagens são colocadas se opõe ao que habitualmente acontece nos romances: não há conexões entre o enredo e uma pragmática questão material ou psicológica que as objetivem e encerrem em um conceito; suas imagens não são desembocadas em interpretações, não correndo o risco de serem tiradas conclusões paralisantes a seu respeito:

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenevalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade (BAKHTIN, 2010, p. 04).

Ao falar de multiplicidade de vozes e de consciências, Bakhtin (2010) refere-se à essência da Polifonia, que está no fato de que diversas vozes atuam na constituição de uma mesma personagem, formando sua consciência e se apresentando em seu discurso de forma coautoral.

O conceito de Polifonia está localizado nos estudos literários de Bakhtin, em que o mesmo compreende dois tipos de escrita: a monológica e a polifônica. A primeira diz respeito a características autoritárias, que oferecem acabamento. Por outro lado, a Polifonia apresenta uma realidade em eterna formação, inconclusa, não acabada (BEZERRA, 2005). Dessa forma, enquanto o monologismo estabelece dogmas, em romances cujos autores não levam em conta a subjetividade das personagens, a escrita polifônica considera as personagens como constituídas e constituintes de inúmeras verdades, em um movimento constante.

A Polifonia é, portanto, a própria multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica representada nos sujeitos do romance, que estão sempre em movimento, mas que são, também, singulares. Dessa forma, o sujeito fala como regente de um grande coro de vozes que constituem sua própria voz a partir das relações que ele estabelece com o outro e com o mundo, sendo que ele mesmo cria e recria essas vozes sem que elas percam sua autonomia e faz com que elas revelem nele mesmo outro sujeito, infinito e inacabável (BEZERRA, 2005).

De forma coerente a esse conceito, a autoria/coautoria diz do ato da criação não ser apenas de um sujeito, diretamente, mas sim de uma apropriação de vozes sociais que serão por ele reordenadas. Segundo Bakhtin (1992), o autor não é nem apenas

refratário das vozes sociais, nem parte apenas de sua própria voz, mas sim coautor, na medida em que ressignifica, reposiciona e reorganiza os eventos de sua vida.

Na possibilidade de se constituir de forma ativa, o sujeito vive a oportunidade de posicionar-se frente à realidade e de dar a ela um sentido, de forma a não viver de forma passiva os acontecimentos de que participa, mas de reposicioná-los, ressignificá-los e reorganizá-los. O sujeito cria em Coautoria. Ele não parte, no entanto, apenas de sua própria voz, mas é refratário das inúmeras vozes sociais às quais ele recorre para se apropriar dos acontecimentos que vive:

Em Dostoievski, a consciência nunca se basta por si mesma, mas está em tensa relação com outra consciência. Cada emoção, cada ideia da personagem é internamente dialógica, tem coloração polêmica, é plena de combatividade e está aberta à inspiração de outras; em todo caso, não se concentra simplesmente em seu objeto, mas é acompanhada de uma eterna atenção em outro homem. (BAKHTIN, 2010, p.36).

Assim como com as personagens de Dostoievski, quando um sujeito se encontra com outro, as várias vozes sociais constitutivas de suas existências se relacionam de forma equipolente, de forma Dialógica, sendo que o próprio Bakhtin atribui esse conceito para realidades que ultrapassam os estudos da linguística, deixando claro que para ele todas as relações de comunicação humana podem ser dialógicas:

As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma tudo o que tem sentido e importância. (BAKHTIN, 2010, p. 47).

Entende-se Dialogismo, portanto, como a interação equipolente entre as muitas consciências, entre as várias vozes existentes nas relações, de modo que um não se constitui sem que haja esses outros que trazem realidade à sua formação e que são ativos nele, sem que haja qualquer tentativa de unificação e conciliação das contradições que elas provavelmente apresentam (BEZERRA, 2005).

Ao dizer do outro em seus escritos, ao falar da interação e do emaranhado entre muitas consciências, o autor não diz da presença física ou da relação face a face, exclusivamente. O pensamento bakhtiniano abarca as vozes sociais como sendo posicionamentos no mundo e constitutivas dos sujeitos, que são uma arena povoada dessas vozes sociais em suas várias relações, consonantes ou dissonantes, mas sempre em movimento, em contínuo devir, e carregadas de uma interação socioideológica (FARACO, 2003).

Falar sobre as múltiplas vozes para Bakhtin (2010) também não quer dizer apenas sobre as características concretas do dizer, ainda que as mesmas – verbais e não verbais, as constituam. O autor refere-se aos vários discursos que perpassam um Enunciado: quando alguém produz um discurso está produzindo junto a ele um conjunto de relações sociais e históricas que construíram esse dizer somado com a

singularidade de quem o está proferindo.

Isso se deve ao fato de que, apesar de o conceito de Enunciado estar diretamente ligado ao discurso verbal, Bakhtin define-o como parte da vida cotidiana, em que o mundo real já é um sentido já Enunciado, já expresso no mundo em sua atualidade (BAKHTIN, 1992). São incorporados a esse conceito, ainda, a forma de relação entre aqueles que enunciam, caracterizada por momentos verbais e não verbais na própria situação da enunciação, como relativa ao contexto histórico maior em que os interlocutores estão situados e às vozes sociais outras que permeiam a comunicação verbal dos mesmos, em que ele reflete as condições da realidade em que está situado.

Assim, o enunciado concreto, ao longo das obras bakhtinianas, pode fundir-se na ideia de palavra, texto, de discurso, mas aparece também como situada entre a vida e o aspecto verbal do enunciado, direcionando compostos da vida para o discurso verbal, dando à palavra o seu momento histórico vivo, o seu caráter único (BRAIT; MELO, 2005).

Na constituição do sujeito, cada voz, cada discurso que faz parte de sua história, compõem seu modo de estar no mundo. Vozes essas que incluem as relações diretas desse sujeito, mas principalmente vozes que refletem uma estrutura social, que é concreta e que influencia diretamente nesse processo, resultando em uma dialogia.

Bakhtin, portanto, enxerga o sujeito como inserido em um contexto social e histórico, lugar de onde parte para se relacionar e onde se constitui. Processo esse encadeado por Atos/Atividades, em que o próprio constituir-se forma um complexo de atos. O agir, para o autor, engloba cada pensamento, desejo, sentimento, discurso, cujos sentidos são atribuídos no momento da ação, possuindo, além disso, as características de as ações serem únicas e irrepitíveis (BAKHTIN, 2010).

Cada atividade realizada no processo de constituição do sujeito, portanto, é o que Bakhtin chama de ato.

A experiência existe, então, em relação com o agir, situada e avaliada por aquele que age e que atribui sentido a si mesmo e à realidade a partir do mundo material e concreto que lhe está dado *a priori* (SOBRAL, 2008). Pode-se dizer, a partir dessa premissa, que o sujeito se constitui na relação com o outro, sendo esse outro, por sua vez, da ordem dos diversos posicionamentos possíveis no mundo. Outra questão é a da atividade do sujeito nessa relação, em que a apropriação da cultura que lhe rodeia e do que ela lhe oferece é realizada de forma singular, única e irrepitível. Ao colocar a vida como um conjunto de atos e os atos, por sua vez, como atividades singulares, únicas e irrepitíveis, Bakhtin (2010) aponta aquele que as realiza como o único capaz de responder por sua própria vida.

Assim, o sujeito age na vida de um jeito participante, não indiferente a todo o processo de agir, considerando o conteúdo do Ato, a valoração e a avaliação do próprio agente. Apesar de parecer solitário nesse processo, Bakhtin (2010) não quer dizer que apenas ele é necessário: viver a partir de si e de seu lugar singular é diferente de viver para si ou por conta própria, independentemente do outro.



Afirmar a possibilidade de reconhecimento de si mesmo em relação ao mundo com tanta ênfase é importante diante de uma estrutura social que anula a unicidade, a alteridade das pessoas. As diferenças desaparecem perante a naturalização de relações sociais e culturais que mantém a desigualdade social (pilar do funcionamento desse sistema social) através da possibilidade ilusória da igualdade.

Conforme Marx e Engels (1967), a instituição central da sociedade capitalista, o Estado, dirige-se à alienação do homem, com uma organização que visa à opressão de uma classe para com a outra (cuja origem está na divisão do trabalho). A democracia liberal, vigente nos dias atuais, proclama-se aberta para que todos possam agir em liberdade, quando na verdade esse resultado é impossível de ser alcançado pela própria metodologia basilar do capitalismo: a exploração.

Dentro desse funcionamento contraditório, nós vivemos, atualmente, conformes com mecanismos que consideram os diferentes modos de existir como válidos em suas diferenças apenas para que essa variedade seja apropriada e transformada em objeto de consumo, que novamente as massificam. Esse processo de mascaramento é o que hoje reproduz a passividade dos sujeitos, que, acreditando que têm a garantia de sua individualidade, na verdade não se apropriam da constituição de suas ações, uma vez que as mesmas foram incorporadas em processos de produção para o mercado de trabalho e para o consumo. Se o sujeito não se dá conta de como ou porque age da maneira como vive, ele conseqüentemente continua a não se dar conta de seu próprio processo de constituição, não tendo a possibilidade de responder por ele.

Para Bakhtin (1992), o outro não deve esgotar-se em mim e nem eu no outro, mas devemos existir juntos em nossa unicidade, oferecendo, a partir de nosso modo de existir no mundo, novas possibilidades de constituição àqueles com os quais nos relacionamos. As relações enrijecidas monologicamente, porém, expressam uma necessidade de transformar o outro, de adaptá-lo, torná-lo objeto de uma vontade outra que não a dele mesmo, torná-lo passivo, negar-lhe alteridade e fazer dele a imagem que convém. Isso encerra o sujeito em uma definição, objetifica-o, torna-o coisa.

A capacidade de resposta acerca de seu posicionamento frente a si mesmo, ao outro e à realidade em que vive, é o que torna o sujeito ativo: se sua constituição é formada por ações das quais ele participa de forma a responder por elas, ele também é capaz de participar de ações outras, que podem proporcionar posicionamentos diferentes, o que não se trata de uma relativização da realidade, mas de uma compreensão de que essa realidade existe em relação.

É dessa forma que, segundo Bakhtin (2010), Dostoievski apresenta suas personagens como inconclusíveis, como passíveis de terem consciência, através do encontro com outras consciências, dos moldes estruturais presentes em suas existências e, quando conscientes, de estarem abertas a mudanças nesse modo de existir como consequência de sua condição de serem agentes no mundo.

Se o processo de constituição do sujeito acontece nas relações sociais, é

preciso refletir sobre como as vozes sociais estão presentes nas relações que o sujeito estabelece. Essa reflexão já tem início quando Bakhtin pensa no modo com o sujeito apreende a realidade em que está inserido e com o Tom emotivo-volitivo como indispensável a esse agir.

Ao estar em relação existe a característica de sempre se estar em processo, já que toda relação é localizada histórica e culturalmente. Necessária à existência dessa relação é o afeto que passa a existir no sujeito sobre o que lhe chega, que determina os sentidos que serão atribuídos a ele e, conseqüentemente, o modo como o sujeito irá agir para com ele. Esse vínculo é perpassado, então, pelo Tom emotivo-volitivo, aquele que atribui qualidade à ação, que a direciona (BAKHTIN, 2012), sem o qual nenhum agir seria possível, nenhum valor seria atribuído pelo agente.

Dessa forma, não há essência a ser conhecida em uma pessoa, há o existir a partir da relação estabelecida, em que sentidos são atribuídos. É na forma de evento e não de substância que os seres são apreendidos pelos sujeitos, ou seja, ao se relacionar com outras consciências, o sujeito é entendido em movimento constante no espaço e no tempo concretos em que se encontram, em eterno processo de ação, de existir (BAKHTIN, 2010). É no encontro com o outro que o sujeito tem a oportunidade de se voltar para si mesmo e para seu próprio processo de constituição, em um movimento em que um olhar de fora é remetido de um sujeito que ocupa, em relação ao outro, um lugar privilegiado (BAKHTIN, 1992).

Portanto, a relação entre as pessoas oferece a elas algo que elas mesmas não têm como enxergar por estarem posicionadas de dentro de sua própria existência, lugar em que todo seu agir é impregnado por essa condição. Já o outro, por estar de fora, em Exotopia, pode disponibilizar ao sujeito um Excedente de sua visão, algo de estranho sobre ele, de fora do comum, de novo.

Assim, o Excedente de Visão é uma experiência que o próprio *eu* não tem de si, mas que de seu lugar oferece algo ao *outro*, que ele também não enxerga por si só, e a partir disso “olhamo-nos com os olhos do outro, mas regressamos sempre a nós mesmos e a nossa incompletude” (GERALDI, 2007, p. 44). Ao se deparar com algo novo em relação a si mesmo, o sujeito tem a oportunidade de se enxergar com outros olhos, de voltar a si mesmo e de pensar sobre suas ações, constituindo-se, assim, por esses olhares.

É apenas do lugar de fora, portanto, que há possibilidade da oferta de acabamento necessária à constituição do sujeito, que, na verdade, existindo em processo, estará, em sua incompletude, em uma constante relação:

Estou por inteiro dentro da minha vida e, se eu de alguma maneira pudesse ver o exterior da minha vida, esse exterior se integraria imediatamente à minha vivência interna, a enriqueceria de um modo imanente, ou seja, deixaria de ser exterioridade que, de fora, proporciona acabamento à minha vida, deixaria de ser fronteira eventual de um finito estético que me proporcionaria, de fora, meu próprio acabamento. Supondo-se que eu possa situar-me fisicamente fora de mim – admitamos que eu receba a possibilidade física de dar-me uma forma de fora -



ainda assim eu não terei nenhum princípio segundo o qual eu poderia dar-me essa forma, modelar minha própria exterioridade, proporcionar-lhe o acabamento estético, se eu não souber situar-me fora de minha vida, se não souber percebê-la como a vida do outro. (BAKHTIN, 1992, p. 60).

Dentro dessa relação de comunicação, podemos perceber o quanto a voz singular dos próprios interlocutores é fundamental. Cada sujeito possui um contexto, uma história que o torna único em seu dizer e que, em relação constitui um espaço que acontece de maneira irrepitível. Dessa forma, os Enunciados dos sujeitos sobre si mesmos contém seu modo de existir no mundo, ao passo que o outro, ouvinte do Enunciado, está longe de ser passivo, sendo que, para Bakhtin (2015), o ouvinte ocupa uma ativa posição responsiva em relação ao que seu interlocutor está dizendo, concordando ou discordando dele, completando-o ou aplicando sua fala, em uma relação na qual toda compreensão é prehe de resposta.

Nesse processo, supondo a existência singular ativa de outros Enunciados, em um movimento que torna o locutor ouvinte, e vice-versa, o sujeito tem a oportunidade de fazer o movimento de voltar para si mesmo e refletir sobre seu próprio discurso, abrindo possibilidade para a construção de novos Enunciados, ou seja, de novos modos de existir, perpassados por outros interlocutores em uma relação de responsividade.

### INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL

O romance polifônico, que já nos auxilia a pensar a constituição do sujeito, surge como uma construção contrária à corrente capitalista que avançava exacerbadamente na Rússia, repleto de contradições existentes entre uma exacerbada valorização do individualismo e a naturalização de fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais. Características que colocam os sujeitos em uma condição passiva e ilusória de impossibilidade de compreensão e transformação de sua realidade (BAKHTIN, 1992).

A partir desse contexto e considerando a manutenção e adequação do funcionamento da sociedade à realidade contemporânea, é necessário que, assim como a escrita é polifônica, cuja construção é dialógica, o grupo seja um espaço dialógico. Isso significaria, portanto, que o confronto entre as vozes sociais constitutivas dos sujeitos presentes no grupo pudesse acontecer de forma equipolente (BAKHTIN, 2010), já que quando falamos em relações dialógicas, estamos dizendo da possibilidade de encontros entre múltiplas vozes independentes, de forma que, nenhuma seja anulada ou exaltada.

Em um universo dialógico, a ideia não tem uma constituição individual permanente, mas é construída a partir da comunicação dialogada entre sujeitos, como acontecimento, o que só era possível para Dostoiévski em seus romances, segundo Bakhtin (2015), por sua atitude de auscultar o diálogo de sua época, ou “auscultar a sua época como um grande diálogo” (p.100). Nesse processo, não eram as falas das

personagens em si o que mais se destacavam ao autor, mas as relações dialógicas presentes entre elas, em que também ficavam claras as vozes sociais dominantes, as ideias dominantes, e aquelas que eram fortemente submissas ou latentes. Assim, a personagem dostoiévskiana não era valorizada por sua imagem, mas pela relação entre sua consciência e autoconsciência, pelo discurso da personagem sobre si mesma e sobre o mundo.

Refletir sobre essas personagens faz aparecerem pistas sobre o modo como os sujeitos devem ser enxergados no grupo, passando a ser esse o lugar em que o sujeito não é visto como dotado de características e traços que oferecem verdades absolutas sobre ele mesmo e sobre o mundo, mas sim, como possuidor de uma posição frente ao mundo e frente a si mesmo, que colocada em diálogo tem o mesmo peso que qualquer outro posicionamento. Há que ser dada, então, a devida importância a esses modos de existir no mundo.

Expô-los em suas contradições pode inspirar reflexões sobre a formação desses enunciados, em um movimento no qual os interlocutores se apropriam da constituição de seus discursos, que eles compreendam sua própria constituição dialógica, abrindo a possibilidade para a criação, em polifonia, de novos enunciados.

Nesse sentido, o grupo deve ser lugar contrário àquele cuja função é a de se chegar a conclusões, contrário à rigidez e estagnação que não dão vazão às inúmeras vozes sociais e consciências que constituem os discursos e que mantêm os sujeitos passivos e sem alteridade para a criação de novos enunciados, mas sim espaço no qual o sujeito pode responder por suas ações.

Para que isso aconteça, é necessário, minimamente, que o espaço comum dos interlocutores do enunciado seja proporcionado, que o contexto do qual todos os interlocutores fazem parte seja conhecido e compreendido, o que acontece a partir do momento em que cada sujeito tem a oportunidade de se posicionar e de ser ouvido sem pré-julgamentos a respeito de sua realidade; e que cada interlocutor possa avaliar os enunciados que ali são proferidos, ou seja, possam oferecer seu olhar sob aquilo que é dito dentro do espaço do grupo.

Nesse sentido, o grupo que tem a Dialogia como característica pode ser aquele que se movimenta para que o sujeito se perceba como ativo e responsivo, por meio de uma abertura de espaço para que seu discurso possa ser ouvido e respondido e para que, a partir desses encontros, novos Enunciados sejam criados, em Polifonia.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da proposta de inspirar fazeres grupais através de apontamentos para a construção de uma visão de grupo proporcionada por conceitos bakhtinianos, nos deparamos, primeiramente, com noções acerca do sujeito e de sua constituição, que baseadas nos próprios conceitos, nos ofertaram pensá-lo como inseparável do outro,

das relações sociais em que se encontra inserido, não de forma passiva, mas de maneira atuante.

Foram as premissas a respeito dessa prévia análise as auxiliadoras de um trabalho contínuo de pensar e repensar práticas grupais que sejam dialógicas, o que ainda nos deixa com algumas questões entre tantas outras que ainda podem surgir: como proporcionar esse espaço dialógico? Como adotar a posição dostoiévskiana de auscultamento das relações existentes entre as vozes sociais constitutivas dos sujeitos? Como mediar um chamado ao sujeito presente no grupo pra que ele se torne ativo em suas ações?

Devemos lembrar que momentos monológicos, poderiam atravessar mesmo um grupo que propõe a dialogia, em tentativas de estabelecimento de papéis rígidos, na busca da harmonia grupal, em constatações dicotômicas, e em inúmeras outras formas. No caso do mundo artístico, o próprio Bakhtin (2015) coloca a autoconsciência das personagens dos romances de Dostoiévski como pilar para a decomposição da unidade monológica, desde que essa consciência seja devidamente representada e tenha seu lugar e voz nesse enredo e que não se funda ao autor ou se torne veículo da voz do mesmo.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004. 304p.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 326p.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 341p.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Trad. Valdemir Miotello & Carlos Aberto Franco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 158p.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. **Bakhtin conceitos-chave**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 191-200.

BRAIT, B. **Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo (dez obras fundamentais)**. Disponível em: <https://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2017-11/Bakhtin.pdf>. Acesso em: ago. 2018.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 61 - 78

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. **Bakhtin conceitos-chave**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 37 – 60.

GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In FREITAS, M. T.; KRAMER, S.; JOBIM E SOUZA, S. **Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARX, K; ENGELS, F. **The Communist Manifesto**. Londres: A. J. P. Taylor, 1967.

SOBRAL, A. Ato/Atividade e evento. In: BRAIT, B. In: **Bakhtin conceitos-chave**. 4ªed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11 – 36.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-016-2

